

HISTÓRIA AMBIENTAL E A GEOGRAFIA.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA LILIA SEABRA.

Lilia dos Santos Seabra¹
(liliaseabras@oi.com.br)

Entrevistadora: Carolina Magalhães Moreira²
(carol.febf.uerj@gmail.com)

1- Como vê a relação entre Geografia e História Ambiental?

A História Ambiental é o campo do conhecimento que estuda a relação sociedade e natureza, ao longo do tempo histórico. A natureza, na História Ambiental, passa a ser uma partícipe na construção da vida social humana. É um campo jovem, se constituindo a partir da década de 70 (XX), com trabalhos de estudiosos, principalmente, norte-americanos. No Brasil, ainda são poucos aqueles que investem em pesquisa na História Ambiental, embora trabalhos realizados pelo Laboratório de Geografia da Baixada Fluminense - LabGeo Baixada – apontem um crescimento significativo de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento interessados na temática. A História Ambiental (no curso de Geografia da FEBF, a disciplina denomina-se Geohistória Ambiental) articula tempo e espaço na construção histórica da relação sociedade e natureza. Ela afirma, na Geografia, a presença da natureza na produção do espaço geográfico. Contribui, assim, para uma Geografia Histórica, comprometida (dentre muitos compromissos) com as ecologias políticas dos diferentes períodos históricos. A natureza, para a História Ambiental, não é palco, tão-somente, das intencionalidades e realizações humanas; ela é um sujeito de diálogo e da produção do espaço geográfico. A História Ambiental e a Geografia são campos muito próximos. Por vezes, penso, há muito pouca distinção entre um e outro. Ambos só existem na articulação espaço e tempo (aliás, não existem ciências fora da dimensão articular espaço-tempo). Mas a História Ambiental, como já afirmei, lembra à Geografia que a natureza é partícipe da construção do espaço geográfico. Ela lembra que as ciências da natureza (que se constituem independentes da Geografia), como: Geomorfologia e climatologia devem ser chamadas para contar a história da relação sociedade e natureza ao longo da história humana.

2- Qual a diferença entre a História Ambiental pesquisada pelo olhar de um geógrafo e de um historiador?

Estamos diante de um campo de conhecimento, que se encontra na linha de “charneira”; isto é: na interface com muitas outras ciências. A História Ambiental solicita das ciências sociais e naturais um diálogo frequente, para atingir ao objetivo de contar a relação sociedade e natureza ao longo da história. É claro, que ela passa a ser contada com

¹ Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF, graduada em Geografia pela UFRJ e História pela UNIRIO. Tem Mestrado em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005).

² Graduanda em Geografia pela UERJ-FEBF

diferentes ênfases, dependendo da formação do pesquisador; contudo, não há como fazer história ambiental sem conhecimento da dinâmica da natureza e da sociedade. Ela requer do pesquisador um trânsito interdisciplinar e não protocolar entre muitas áreas do conhecimento. Geologia, Antropologia, Geomorfologia, Sociologia, Arqueologia, Geografia, Climatologia e muitos outros campos do conhecimento são chamados para pensar e fazer história ambiental. Contudo, respondendo à questão, há ênfases diferenciadas dadas às pesquisas em História Ambiental, dependendo da formação do pesquisador. Os geógrafos, em função de seu currículo, que abrange, também, diferentes campos do conhecimento, parece ter um bom arcabouço teórico-conceitual e metodológico para tecer o diálogo entre as ciências sociais e naturais, assim como exige a pesquisa em História Ambiental; embora os mesmos careçam de discussões em torno da epistemologia da História. Alguns trabalhos, realizados por geógrafos, assumidos na seara da História Ambiental parecem carecer de discussões teóricas e conceituais no campo da História. Entre os historiadores, há trabalhos clássicos que merecem ser lidos com a lente da história ambiental; porque são obras-primas da articulação interdisciplinar. Destaque para as obras do historiador F. Braudel (segunda geração da Escola de Analles), com sua tese sobre o Mediterrâneo e o mundo do Mediterrâneo, na época de Felipe II, com uma impressionante articulação das dimensões tempo-espço e sociedade-natureza. Sua tese, de 1947, foi publicada, pela primeira vez, em 2016, no Brasil, pela EDUSP, num valioso esforço, que disponibiliza o conhecimento e a metodologia de discussão da História, em F. Braudel. O enfoque da história feita por Braudel veio sendo abandonada pela historiografia, e poucas são as obras com tamanho empenho e trato interdisciplinar entre os historiadores (e historiadores ambientais). Penso, de fato, que as dificuldades dos historiadores estão nas discussões relativas à dinâmica da natureza. O conhecimento da mesma é fundamental para caracterizar um trabalho no interior da História Ambiental. Tais questões, acima destacadas, possibilitam entender que a História Ambiental deve ser construída por uma equipe interdisciplinar, minimizando as dificuldades inerentes à formação específica de cada pesquisador. Pesquisas recentes, feitas pelo LabGeo Baixada, apontaram dezenas de temas e pesquisadores diferentes trabalhando em História Ambiental, em trabalhos coletivos ou não. Existem médicos, biólogos, cientistas políticos, engenheiros, veterinários, sociólogos, antropólogos, administradores e outros envolvidos com a temática. A pesquisa aponta, entretanto, que a maioria dos pesquisadores é de historiadores e de geógrafos. Alguns desses dados estarão, brevemente, disponibilizados no site LabGeo Baixada.

3- No que tange ao ensino, como trabalhar unindo a História Ambiental e Geografia?

Acredito que a pergunta seja referente ao ensino fundamental e médio. Bem, tomando a afirmativa como verdadeira, destaco, aqui, a minha experiência como professora do ensino fundamental e médio, em Geografia, nas escolas públicas do Rio de Janeiro, por quase 20 anos. Sempre acreditei que era dentro do ensino fundamental e médio, que a Geografia se fazia. Era ali que os professores poderiam fazer as articulações necessárias para dar conta do objeto da ciência geográfica. Sempre achei que ali estava o grande desafio de se fazer Geografia. Mas, lamentavelmente, constatava, também, que poucos faziam...E isso estava em função da formação dada aos futuros professores, na Universidade. Uma formação compartimentada, que merece mais do que este espaço para ser discutida. Como professora do fundamental e do médio sabia que uma aula de

¹ Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF, graduada em Geografia pela UFRJ e História pela UNIRIO. Tem Mestrado em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005).

² Graduanda em Geografia pela UERJ-FEBF

Geografia primava pela discussão interdisciplinar. Assim, um leque de disciplinas era trazido para tal fim. A História Ambiental estava sempre presente nas aulas de Geografia; embora não a identificasse como tal. Ao articular natureza e sociedade havia de evocar as ciências naturais/da terra (geomorfologia, climatologia, pedologia, biogeografia e outras); assim como as ciências sociais: antropologia, economia, sociologia. Como fazer Geografia sem tais articulações? A ciência geográfica, como uma ciência social, tem uma complexidade indiscutível, e que poucas ciências terão. Como já falei anteriormente, ela requer, assim como a História Ambiental, um trânsito interdisciplinar; uma abertura e abrangência intelectual para dar conta da sua proposta, enquanto um campo do conhecimento. Respondendo, diretamente, a questão feita, observo a impossibilidade de se fazer Geografia sem a presença colaborativa da História Ambiental, da dimensão temporal e do diálogo, inerente entre as ciências sociais e naturais.

4- A história ambiental é, por definição, interdisciplinar. Ela resulta do trabalho tanto de historiadores como de geógrafos, demógrafos, biólogos, entre outros tantos estudiosos das relações entre natureza e sociedade. Qual o desafio de abordagem metodológica para o geógrafo numa área construída a tantas mãos?

Não há área do conhecimento que não venha a ser constituída por muitas mãos ou fora do campo interdisciplinar; mas esta é uma discussão maior do que o espaço aqui destinado. Bem, como já foi afirmado, o geógrafo tem boa formação para pensar interdisciplinarmente; embora reconheça dificuldades em sua formação nas Universidades. Para fazer história ambiental há, a meu ver, duas condições: a primeira é a disponibilidade intelectual de correr por muitos campos do conhecimento (muitos deles bem diferentes da formação inicial do pesquisador), a outra está na possibilidade de constituir equipes interdisciplinares. Penso que a questão ambiental, em suas diferentes matizes interpretativas, possibilitou e exigiu, o fazer e o pensar coletivo; no interior da academia, junto ao poder público e à sociedade organizada. A História Ambiental é uma das abordagens possíveis da questão ambiental, na academia, integrando práticas novas de se produzir conhecimento.

¹ Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF, graduada em Geografia pela UFRJ e História pela UNIRIO. Tem Mestrado em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005).

² Graduanda em Geografia pela UERJ-FEBF